

António Nelos - a imagem reinventada

Na Madeira, por esses meados da década de 60 do século XX, havia qualquer coisa no ar, um frescor, uma expectativa, uma inquietação. As notícias de longe, mais rapidamente lidas depois da abertura do aeroporto em 1964, traziam ecos de viagens espaciais com voos tripulados e caminhadas no espaço, de aventureiros transplantes de coração, da Guerra do Vietnam (já que o que se passava então nas colónias portuguesas era muito filtrado pela Censura), ou do *aggiornamento* lançado na Igreja pelo Concílio Vaticano II. As bibliotecas fixas e itinerantes da Gulbenkian incentivavam a mais e melhores leituras; o Cine-Forum do Funchal dava a ver regularmente filmes de autor e possibilitava o debate sobre eles, trazia música contemporânea; o semanário *Comércio do Funchal*, relançado em 1967, era uma lufada de ar fresco no jornalismo local, que chegou a outras paragens, pois granjeou leitores não só no continente como nas comunidades de emigrantes; a arquitectura modernista revelava outros modos de conceber e viver o espaço quotidiano.

Jorge Marques da Silva, num balanço sobre a actividade artística no ano de 1966, escreve: “A Madeira continua mais ou menos envolta no desinteresse pela Arte. Apenas saliento uma breve cintilação originada pela exposição de Aragão Correia e o esforço marcado pela abertura das galerias *Tempo e Mundus*”¹ Algumas relevantes exposições trouxeram a actualidade para esse meio onde dominavam o pitoresco das paisagens e a verosimilhança dos retratos. Foi assim com a *I Exposição de Arte Moderna Portuguesa*, em 1966, que teve uma segunda edição no ano seguinte, com o que mostravam as galerias acima referidas, com as exposições de António Areal em 1966 e 1967, no Museu Quinta das Cruzes, de que era, então, director António Aragão.

Atentos à contemporaneidade e suas linguagens estavam alguns jovens, entre os quais António Nelos, que se interessou desde cedo pela pintura. Deambulemos então um pouco por essa sua pré-história. Frequentou o Liceu do Funchal, tal como Humberto Spínola (1949-2023), companhia também das viagens de autocarro entre Santa Cruz e Funchal. Aí tiveram como professor o escultor Amândio de Sousa. Nelos evocou-o nestes termos: “De facto o escultor Amândio foi meu professor de Desenho. É aliás o único, de que me lembro, de ter ensinado alguma coisa de verdadeiramente interessante. Recordo um

trabalho, no qual me saí muito bem, que foi o projecto da capa de um disco. Isto, numa altura em que o prato forte era fazer desenhos geométricos com tiralinhas, era uma revolução! Outro aspecto em que recordo o professor Amândio foi na qualidade de galerista. Foi na sua galeria, creio que na rua do Bom Jesus, que vi a primeira exposição de arte moderna na Madeira! (se não me engano era uma exposição de desenhos e pinturas do Artur Bual) nos anos sessenta do séc. XX. Não sei se a galeria Mundus, no prédio de esquina com o café Apolo, não seria também gerida por ele? Foi nessa galeria que realizei a minha primeira exposição, com o Umberto Spínola, em 67, creio eu.”² Também este o considerou como “o primeiro professor de desenho que teve capaz de olhar com interesse para o trabalho do aluno numa perspectiva de continuidade, de futuro, ou seja, de perceber quem poderia vir a desenvolver trabalho naquela área”³.

Esta capacidade de intuir as potencialidades dos alunos, dar a ver outros horizontes, aliada ao interesse pelo design, também valorizado na actividade da galeria *Tempo*, uma iniciativa sua e do arquitecto Rui Goes Ferreira, irá marcar os jovens alunos, que fazem a primeira exposição em 1966, com 17 anos. A imprensa apenas lhes dedica uma breve nota: “expõem também, alguns guaches, os artistas Nelos e Spínola”⁴. Enquanto este envereda pela abstracção, António Nelos opta por uma deriva surrealizante, que irá marcar as suas primeiras experiências.

A sensibilidade artística de Gabriel Mota levou-o a proporcionar acesso a um espaço de trabalho e partilha de experiências a um grupo de jovens interessados na prática da pintura e do desenho e, assim, contribuiu à sua maneira para a preparação de uma outra exposição de pintura no Funchal, em 1968, num espaço então vago da Rua Fernão Ornelas. Participaram, além dos dois supracitados, Silvestre Pestana, Rogério Prioste e João Carlos Velosa. A iniciativa teve mais repercussão desta vez, não tanto no público em geral, mas num círculo mais restrito, mais atento e mais aberto. O semanário *Comércio do Funchal*, dedicou-lhe um comentário onde não se debruça sobre as peças, mas põe a tónica no imobilismo do meio cultural *versus* a abertura que revelavam estes jovens: “Nada disto seria extremamente original se não se passasse aqui nesta cidade, entre nós. [...] As influências, as referências (a outras pinturas) são óbvias, mas para se ser influenciado, já é necessária uma tão grande atenção, é preciso um tão esclarecido critério, que nos encontramos a perguntar a nós

mesmos como é possível que eles sem qualquer qualificação profissional (verdadeiros pintores de domingo, por enquanto) assim se achem não apenas informados mas até na posse de um controle apreciável sobre os meios da mais recente pintura”⁵.

O mesmo periódico publica também uma entrevista com os intervenientes, na qual António Nelos destaca as lacunas na formação cultural, conducentes ao conformismo, à apatia, ao desinteresse pelas artes, que decorrem de insuficiências no ensino e salienta também o papel que a imprensa deve ter na formação do público. A falta de estímulo às iniciativas juvenis é veementemente criticada: “nesta Pérola do Atlântico, ilha de vestes verdes demasiado vaidosa no seu malvasia e no seu sol dependurado nas montras turísticas. Bom seria que as pessoas chamadas competentes e senhores das Artes se interessassem por estas coisas do espírito, descessem uns degraus dos seus altos assentos e se inclinassem para uma juventude realmente interessada em evoluir”. Refere-se à pintura como “uma maneira de me sentir vivo, de me sentir eu próprio. [...] Será também uma necessidade, um meio sentir mais profundamente o mundo que me envolve e envolve os homens, que os perturba, incomoda ou alegra” ⁶.

Esta exposição foi levada aos Açores, primeiro a Ponta Delgada depois a Angra do Heroísmo, por iniciativa desse catalisador cultural que foi Carlos Faria, um dos pilares do movimento açoriano Gávea/Glacial, que vinha regularmente à Madeira em trabalho e que o grupo tinha conhecido através de António Aragão. O suplemento do jornal *A União, Glacial-a união das letras e das artes*, de Angra do Heroísmo deu destaque à exposição, dedicando umas linhas a cada um dos intervenientes. “António Nelos, o pintor-pânico deste grupo pânico) mostra-nos o fogo da sua poderosa imaginação, revelando a coragem de não ter medo de assustar!” ⁷.

A pintura por ele apresentada enquadra-se num pós-surrealismo que alia uma estruturação geométrica do espaço a elementos orgânicos, ora abstractos, ora figurativos, lembrando certas soluções de António Palolo. Este tinha exposto no Funchal, em 1967, primeiro integrado na II Exposição de Arte Moderna Portuguesa e depois, individualmente, na Galeria Mundus, pinturas em que jogava com superfícies geométricas planas, sugestões de profundidade e elemento insólitos.

Três elementos deste grupo informal enviaram trabalhos e foram admitidos ao *1º Salão de Jovens – Pintura e desenho*, na Figueira da Foz em 1968: João Carlos Velosa, Silvestre Pestana e António Nelos, tendo este último ganho o segundo prémio. A composição parte de uma moldura quadrada, ao centro, invadida por formas arredondadas e linhas ondulantes, as curvas marcam também elementos fundeiros e toda a parte inferior do quadro. Os contornos bem delimitados, *hard edge*, coexistem com a evidência do gesto do pincel e os contrastes de cor, castanho e ocre amarelo nos elementos de fundo, azul, vermelho e branco nos elementos orgânicos⁸. Na sequência deste prémio, é entrevistado pelo *Glacial*, que o apresenta assim: “[...] António Nelos revela na sua pintura o mundo que lhe coube, numa inquietante exploração do absurdo. Filho da nova abstracção figurativa, a sua pintura tem uma força que assusta e arrebatava! Pintura violenta, pintura de epopeia, — pintura da decisão de integrar um susto colérico no público pelo impacto que provoca!”. No início da entrevista Nelos afirma: “encaro a pintura esforçando-me por ver, quando estou acordado, aquilo que não vejo quando estou a dormir e vice-versa”. Demarca-se do grupo *Pânico*, a que Carlos Faria o associava, dizendo que não ter as raízes ideológicas para essa pertença e confessa a sua admiração por Bosch “tanto pela misteriosa originalidade como pela beleza caleidoscópica e fantástica dos seus quadros maravilhosos e apocalípticos” e pela sua “busca da realidade interior e abissal do homem”⁹. A entrevista termina, graças ao carácter inusitado perguntas, num registo fantástico consentâneo com a atracção por Bosch e com as derivas surrealistas das suas imagens.

Ainda durante o ensino liceal, Nelos participou com guaches e pintura na primeira exposição colectiva do Cine-Forum Juvenil, no Teatro Municipal do Funchal, em Junho de 1970. A incorporação no serviço militar, em contexto de guerra colonial, pôs fim a estes primeiros tempos de descobertas e levou-o a desertar e partir para a Bélgica, em 1971. Aí fez estudos de serigrafia e de design gráfico e fez diversos trabalhos nesta área. Expôs individualmente pintura e desenho, em 1976, na galeria *L’Oeil sauvage*, em Bruxelas, num desenvolvimento da linha que já tinha apresentado anteriormente.

Regressou depois à Madeira, onde fez o bacharelato em Design no Instituto Superior de Arte e Design e trabalhou em design gráfico. Entre os trabalhos que desenvolveu neste âmbito, no Funchal, destacamos os cartazes

para o Cine-Forum do Funchal (Reabertura de actividades, 1979, e Primeiro Salão de Artes Plásticas do Cine-Forum do Funchal, 1980) e o novo símbolo deste organismo; o projecto e montagem da exposição *Funchal – ontem e hoje*, coordenada por António Aragão, com a colaboração de Jorge Waldemar Guerra, em 1980; cartazes para o Serviço Regional de Protecção Civil e para a exposição *Art'ilha*, 1980. Para a Direcção Regional de Cultura, então DRAC, fez o primeiro logótipo e o cartaz para o Outono Musical (out-nov 1981).

António Nelos explorou a colagem, que expôs no Funchal, nas colectivas *6+uma*, em 1978, e *Art'ilha*, em 1980, esta com uma itinerância por Lisboa, Porto e Évora. A colagem, partindo de uma apropriação de imagens, permite associar, sobrepor, ligar o que é disjunto. O gosto pelo confronto entre realidades distintas, que lhe vinha do impulso surrealista dos primeiros tempos, toma assim outro rumo.

Terminado o bacharelato, foi fazer a Licenciatura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e enveredou pela docência do ensino secundário, radicando-se depois em Setúbal. Nas vindas à Madeira, manteve o contacto com António Aragão, que, com a chegada da primeira fotocopiadora Xerox nos finais da década de 70, e através de Fernando Correia, começara a interessar-se pelas potencialidades expressivas da electrografia. Nelos partilha as experiências que vinha desenvolvendo com fotocópias, impulsionando esta prática, a que aderem, para além de Aragão, António Dantas e Eduardo Freitas. Surge, assim, em 1981, um projecto de arte postal (*mail art*), *Filigrama*, revista em folhas soltas em reunidas em envelope A4, que veio a integrar outros colaboradores. Os contributos de António Nelos aliam texto e imagem, numa atitude crítica e interventiva.

A electrografia recorre a um processo mental idêntico ao da colagem, mas confere grande unidade ao resultado final e, além disso, tem a vantagem da acessibilidade decorrente do baixo custo, da facilidade de execução e da grande reprodutibilidade. Permite, entre outros recursos, introduzir associações de texto e de imagem, jogar com deformações, justaposições, efeitos de granulação e desgaste, possibilitando variadas formas expressão. O imaginário de Nelos recorre à palavra e à sua desconstrução, aliada à manipulação e reinvenção de imagens, num tom satírico e provocatório de crítica social, política e religiosa, com um toque de humor e *nonsense*, como ele próprio afirma¹⁰. Em *Pri mata*,

[*Primata + Mata*], 1988, por exemplo, articula a palavra desconstruída com a composição da imagem para sugerir as ideias de evolução e de involução. A força da palavra desconstruída e reinventada sente-se em *Maioria Absoluta* [Maioria absoluta + Maioria obsoleta], *Li Ver Da De*, 1986 [Liberdade + Verdade + Ver] ou *Ali é a nação*, ou *Ecopoema (LandEscape)*. A sequencialidade é uma estratégia que irá explorar não só em imagens únicas como montadas em formato de livro. É o caso de *Subversão* ou de *Lugares de assento. Polí(p)tico Satírico*, 2002, e *Novos Lugares de Assento. Polí(p)tico Satírico*, 2003. Organizou em brochura diversas sequências de electrografias, como *Olho por olho dente por dente*, de 1987; *Pravda*, 1993; *25 poemas visuais*, com texto de António Aragão e editado pela Vala Comum, 1993; *Genocídios I*, que evoca os massacres de Sarajevo, 1995.

Em 1991 fez uma exposição individual no Funchal, na Galeria da Secretaria Regional de Turismo e Cultura, intitulada *Colagens e outras coisas*, sendo estas “outras coisas” as electrografias que vinha fazendo ao longo da década anterior.

Colaborou com António Dantas em *Ego Ego*, video-poema apresentado no 1º Festival Internacional de Poesia Viva, em 1987, no Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz. Das suas incursões pelo campo da performance, salienta-se *Rêv-Loção*, ato poético de teor paródico, apresentada no Museu de Setúbal, no âmbito da exposição *Outras escritas-novos suportes* (1988), e repetido em 1991, na mesma cidade¹¹.

É marcante a colaboração com César Figueiredo a quem se devem muitas iniciativas de índole colectiva, interventiva e de partilha, numa práxis da arte postal que assumiu diferentes formatos como objectos, caixas com mini-livros, folhetos ou envelopes. Entre outros produtivos encontros António Nelos participou com ele em *Coisa com coisas circulares* (1992), *the complete 69 ANALgesic book* (1965), *Cai o Carmo e a Trindade* (1996), *the complete Xtra 69...* (1967), *what music for east timor?* (1999), *the last 69...complete* e *Confraria do toner- toner's brotherhood – nr. 1* (2002)¹².

Prosseguindo a exploração de modos de manipulação da imagem, Nelos enveredou pelos processos digitais, utilizando como ponto de partida a fotografia. A imagem complexifica-se, não só pelas sobreposições de edifícios, elementos geométricos e plantas, numa transfiguração do quotidiano

circundante, mas também pelas múltiplas camadas de cor, de um cromatismo contido.

Esta exposição procura dar a ver as diferentes vertentes e fases do trabalho de António Nelos, acompanhando as obras com apoio documental, desde notícias da imprensa, ainda que tantas vezes escassas e lacunares, a catálogos¹³. E é agora tempo de passar a palavra a outros: a Bruno Ministro, que estudou com particular interesse o seu trabalho, contextualizando e problematizando intenções e processos; a Fernando de Aguiar, que sempre o incluiu nas suas dinâmicas iniciativas de criação e de divulgação; e terminar com a calorosa carta de César Figueiredo, outro cúmplice de muitas e insólitas realizações.

Isabel Santa Clara

Junho.2024

¹ Marques da Silva, *Diário de Notícias*, 1-1-1966, p. 3.

² Isabel Santa Clara, “Amândio de Sousa, escultor”, *Islenha*, nº 49, Jul-Dez 2011, p. 136. A exposição dos dois jovens artistas foi inaugurada a 14 de Março de 1966, em simultâneo com uma mostra de gravura do peruano Claudio Juárez (1938-2001), que tinha sido bolseiro da Gulbenkian e orientou cursos de formação na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. A galeria *Mundus* não era gerida por Amândio de Sousa.

³ Isabel Santa Clara, “Amândio de Sousa, escultor”, *Islenha*, nº 49, Jul-Dez 2011, p. 136. Humberto Spínola foi para o Porto para frequentar a Escola de Belas-Artes, e, daí, deu o salto para Paris, onde viveu. Passou a assinar Umberto Spínola.

⁴ *Jornal da Madeira*, 13-3-1966, p. 3.

⁵ “Uma exposição de pintura de jovens”, *Comércio do Funchal*, 5-5-1968, pp. 3, 4.

⁶ “Inquérito a quatro jovens pintores madeirenses”, *Comércio do Funchal*, 5-5-1968, p. 9.

⁷ K [Carlos Faria], “A exposição itinerante dos 5 jovens pintores madeirenses”, *Glacial* nº 14, 13-7-1968, p.1.

⁸ Esta pintura, a óleo sobre platex, com 80x60cm, datada de 1968, encontra-se no Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz, com o nº inv. 75-G-442. O júri era constituído por Rui Mário Gonçalves, Augusto Mota e António Augusto Menano.

⁹ “Entrevista (e desassossego) com o jovem pintor António Nelos”, *Glacial*, 19-11-1969, p. 1. O qualificativo “pânico”, reporta-se à irreverência preconizada pelo grupo fundado anos antes por Fernando Arrabal, Roland Topor e Jodorowsky, que Carlos Faria admirava.

¹⁰ “As to my art, I think it has been keeping some features from the beginning: political criticism & provocation, social & religious satire, humor, nonsense & the imaginary.” *Xerolage* nº 5. 1986, <https://xexoxial.org/xerolage/xerolage.html>

¹¹ Sandra Isabel das Candeias Guerreiro Dias, *O corpo como Texto: Poesia, Performance e Experimentalismo nos Anos 80 em Portugal*, vol. I, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Tese de Doutoramento, 2015, p. 405.

¹² Para melhor conhecimento do trabalho de António Nelos, entre outros autores, veja-se a tese de doutoramento de Bruno Daniel Ministro dos Santos, *Todas as cópias são originais. Electrografia e copy art em Portugal*, Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra, 2020, disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/91050>, que inclui listagem das publicações e exposições, bem como dos catálogos e coletâneas em que foi incluído.

¹³ Ver mais informação no Arquivo digital da PO-EX, em <https://po-ex.net/tag/antonio-nelos/>.